

EDUCADOR COMUNITÁRIO E A RELAÇÃO ORGÂNICA COM A COMUNIDADE

Zelito Sampaio* - zelito@uol.com.br

As mudanças da sociedade

A sociedade está em constante mudança. Todos os elementos, num processo de ação e reação, estão constantemente se adaptando às novas realidades, num processo dialético. Um novo desenho nesta relação está se estruturando entre o primeiro, segundo e terceiro setores e um “novo” ator político está surgindo: a sociedade civil. Sua força está crescendo e interferindo nesta relação orgânica, numa relação ecológica entre os setores e, por conseguinte, a educação comunitária pode contribuir para este crescimento, como elemento de ligação, como catalisador para uma sociedade mais saudável, justa, solidária e empoderada, propiciando a cidadania ativa como “vetor social resultante”.

O primeiro setor se modificou e se adapta nesta evolução contínua. A crise de 2008 demonstrou a fraqueza do sistema baseado no mercado e a sua relação mínima com o Estado, que agora é chamado para resolver o problema criado pela competição e irresponsabilidade dos agentes do mercado. Diante desta constatação, ganha força a idéia do Desenvolvimento Sustentável, fazendo com que, lentamente, as decisões políticas, levem em consideração, cada vez mais, as conseqüências das suas ações e o desenvolvimento das pessoas.

No setor privado as constatações desta nova realidade, resultante das novas forças ambientais, aprofundam um processo de discussão nas empresas que inclui o conceito de responsabilidade social empresarial, com objetivo de responder à sua concepção social e ambiental, propondo uma gestão que busque melhorar o bem-estar da sociedade, incluindo o indivíduo, a comunidade e o meio ambiente.

Quanto ao Terceiro Setor, podemos considerar que o seu crescimento decorreu de um conjunto de mudanças que geraram um “vetor social resultante” que proporcionou o desenvolvimento da consciência da sociedade

civil. Criou reações em várias áreas e uma mudança na sua concepção de gestão, que se tornou menos assistencialista, adotando uma perspectiva de sociedade civil organizada e modificando sua forma de relacionamento no mundo, no âmbito internacional, regional, nacional e local. Trata-se de uma sociedade civil que visa, com isso, mudar o mundo através de práticas mais cooperativas e menos competitivas.

Mudanças na Educação

Para refletir sobre a Educação Comunitária é preciso considerar que o conhecimento está em toda parte e o saber acadêmico tem tanto valor quanto o saber popular, constituindo-se, assim, nova forma de pensar e fazer educação. Para que isso seja admissível, precisamos nos conectar com a comunidade, saindo da sala de aula, derrubando os muros da escola, fazendo contato com o mundo “lá fora” e trazendo para dentro da sala de aula os conhecimentos, os lugares, as organizações, as pessoas e tudo aquilo que possa contribuir para a aprendizagem integral do aluno. Não se trata apenas de sair da sala de aula, mas, sim, descobrir e relacionar o que está lá fora, distante, desconectado, desintegrado e desconsiderado como saber, estabelecendo ligações entre o currículo escolar e a vida do aluno. Só assim poderemos responder à grande questão da função ecológica do educador: preparar o aluno para a vida.

Paulo Freire levanta esta questão em seus livros: o processo constante de aprender, considerando a educação como um processo orgânico. “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Pedagogia do oprimido).

O educador, diante dessa questão, tem dificuldade de entendê-la, pois foi formado de uma maneira reducionista. Não foi treinado para enxergar através das paredes da sala de aula; não passa por esta experiência ecológica, pelo contrário, a educação formal bloqueia o instinto de descobrir. Em sua formação, infelizmente, é proibido errar.

Boaventura de Sousa Santos (2006), quando apresenta a “ecologia de saberes”, propõe que ela deva “ser produzida ecologicamente: com a participação de diferentes saberes e seus sujeitos.”

Celestin Freinet (1896 - 1966), educador francês, percebeu que o interesse de seus alunos estava na realidade do lado de fora de sua sala de aula. Freinet resolveu sair com as crianças, sem saber ao certo o que encontraria. Com o tempo foi descobrindo que, a cada saída, seus alunos ficaram mais entusiasmados em descobrir o mundo. Partindo destas constatações, ele desenvolveu a técnica das “aulas das descobertas”. Utilizando cinco passos para organizar a “aula das descobertas”, o educador/professor comunitário pode iniciar um processo de desconfinamento comunitário que, num crescente envolvimento, repleto de conexões, descobertas e conhecimentos, possibilitam o desenvolvimento da Educação Comunitária.

Passos da Aula das descobertas

1. MOTIVAÇÃO

O primeiro passo é encontrar a motivação, criando condições para que o meio físico e o meio humano constituam-se numa fonte de aprendizado, atividades e descobertas. Sem a motivação, o saber não tem sentido, uma vez que o aluno fica satisfeito com aquilo que já sabe, porque ele sempre sabe alguma coisa, tem sua hipótese, mas não possui interesse em experimentar sua hipótese, explorar outras possibilidades.

2. PREPARAÇÃO

Descobrir um mundo novo significa ampliar o mapa do conhecimento já construído.

Rubem Alves (2004) descreve a construção de mapas como “impulso de aprendizagem” na criação de novas trilhas, que “servem para nos levar de um lugar onde estamos para um lugar onde desejamos ir”.

O Educador Comunitário, neste momento, apoiará o professor e os alunos para que o mapeamento seja o mais rico em informações e os grupos tenham claramente definidos quais são os objetivos da trilha para poderem preparar a “viagem”.

Preparação da trilha

Esta etapa do processo também deve ser tratada como aprendizagem, tanto no seu conteúdo (organização e planejamento), como também na forma de decidir, conversar, discutir, negociar, colaborar. É um treinamento para a vida e, portanto, deve ser estimulado.

3. A AÇÃO

Sair da sala de aula é um momento emocionante, é a hora de executar tudo aquilo que foi planejado.

O professor ou educador comunitário que está com os alunos não é mais o dono do saber. O saber agora está no local, nas pessoas, nos livros, nas pinturas, nas plantas, nos animais, etc. Só precisa ser descoberto e este é o processo ecológico que deve ser estimulado.

4. O PROLONGAMENTO

A volta à sala de aula é sempre um momento mágico. Muitas coisas para contar, muitas descobertas, muitas emoções para compartilhar. É preciso organizar todos os conhecimentos, as experiências e dar sentido a todas elas, prolongando este momento de reflexão, generalização, aplicação da vivência. Também é necessário verificar se o conhecimento resultou em transformação.

5. A COMUNICAÇÃO

O processo de comunicação atravessa os limites do seu grupo-classe, dos muros da sua escola, daquilo que sempre foi o seu mundo. Tudo o que foi descoberto deve ser compartilhado com os convidados e a comunidade.

EDUCADOR COMUNITÁRIO - ESCOLA

Pela perspectiva da escola, o Educador Comunitário e os cinco passos das Aulas das Descobertas podem contribuir para o desenvolvimento de suas atividades, já que ele estará trabalhando junto ao professor como facilitador em todos os cinco passos.

Durante a “preparação”, seu conhecimento em relação ao espaço contribuirá para as conexões com informações do outro lado do muro.

O processo de “comunicação” conclui a atividade para os alunos e professores. Para o educador comunitário, no entanto, o resultado da aula das descobertas será a possibilidade de dar continuidade ao processo de educação comunitária, como início de outras conexões, a troca de saberes aprendida na atividade.

Uma outra maneira de o educador comunitário atuar é criando a demanda para a escola, desbravando e mapeando o bairro, a cidade, buscando os potenciais educativos, descobrindo o que está acontecendo no entorno da escola.

A função do educador comunitário deve estar voltada para a facilitação das relações entre as partes para atingir um objetivo comum; unir os elos desta rede, com o objetivo de melhorar a qualidade dos saberes e propiciar um espaço para reflexão, como um vetor social resultante de várias forças sociais, uma rede.

Atravessar as paredes, enxergar o outro lado, perceber o “todo” e que fazemos parte dele é possível e necessário.

Apresentando esse trabalho no Congresso de Pedagogia 2011 - Cuba, tive a oportunidade de conhecer vários projetos nesta mesma linha comunitária. Muitos educadores venezuelanos apresentaram projetos comunitários interessantes. Conheci o projeto “Maestras Comunitarias” do Governo do Uruguai; trabalhos apresentados do Chile, Peru, México, enfim, muitas iniciativas de Educação Comunitária estão surgindo como uma opção real de educação.

EDUCADOR COMUNITÁRIO - ORGANIZAÇÕES SOCIAIS

Pelo ponto de vista das organizações sociais, o mesmo processo poderá ser aplicado com o objetivo de conectar as ações que estão sendo desenvolvidas na comunidade e promovendo a “Educação Cidadã”.

Uma experiência que está sendo desenvolvida na cidade de São Paulo, as “Plataformas Urbanas”, promovida pelo UNICEF, tem como objetivo alinhar as ações que já existem e criar uma forma de colaboração e aprendizagem no sentido de conectar e facilitar a “Cidadania Ativa” da comunidade.

Outra experiência na mesma linha de atuação, em nível mundial, é o Fórum Social Mundial, que tem como um dos seus objetivos *"favorecer a intercomunicação entre seus participantes para que se conheçam mais uns aos outros, superem preconceitos e separações que existam entre eles, descubram convergências em suas ações e se lancem em novas iniciativas menos isoladas umas das outras, o que lhes dará mais força. É um grande espaço de encontro de organizações da sociedade civil, cidadãos e cidadãs para contar o que fazem, debater soluções e fazer propostas de ação para resolvê-los"*.

Utilizando a metodologia das Aulas das Descobertas, o primeiro passo é encontrar a *"motivação"* para a cooperação. O *"facilitador comunitário"* deve estar atento a estes sinais ou a outros estímulos que possam unir as organizações para explorar soluções e criar uma rede de saberes. Sem a motivação a ação não tem sentido.

Na *"preparação"*, buscamos o maior número de informações já descobertas para o desenvolvimento da trilha, o mapeamento. A *"preparação da trilha"* a ser feita deve ser elaborada juntamente com os atores da comunidade.

Sair para a *"ação"* é a hora de executar tudo aquilo que foi planejado, conectar.

O *"prolongamento"* é a preparação da aplicação do saber. Consiste em dar sentido ao saber, à conquista, envolvendo todos num trabalho coletivo, revelando a realidade. Esta é a maneira mais concreta de avaliar o crescimento da comunidade, verificar se o conhecimento foi empoderado e resultou em transformação.

Para o *"Facilitador Comunitário"*, o processo de prolongamento serve de *feedback* para incrementar e aprimorar suas conexões. O potencial educativo do local e das pessoas do espaço público estará sendo trabalhado, servindo de base para novos contatos.

Já o processo de *"comunicação"* atravessa os limites de cada organização, daquilo que sempre foi o seu mundo. Tudo o que foi descoberto

vai ser compartilhado com os convidados, a comunidade, ou enviado por vários meios de comunicação.

Esse momento final deve ser uma atividade de troca. Tudo pode ser dividido com aqueles que ainda não tiveram oportunidade de sentir a importância de suas descobertas.

EDUCADOR COMUNITÁRIO - EMPRESAS

Considerando as empresas como integrantes desse meio ambiente, sua função social não pode se limitar apenas à geração de emprego e pagamento dos impostos. Ela deve, além de ser responsável pelas consequências dos seus atos, contribuir para a melhoria da sociedade como um todo.

Estes conceitos dizem respeito à Responsabilidade Social Empresarial, que *"é a forma de gestão que se define pela relação ética e transparente da empresa com todos os públicos com os quais ela se relaciona e pelo estabelecimento de metas empresariais que impulsionem o desenvolvimento sustentável da sociedade, preservando recursos ambientais e culturais para as gerações futuras, respeitando a diversidade e promovendo a redução das desigualdades sociais". (Ethos)*

A partir desta postura empresarial, a atuação das empresas em relação à comunidade, passa a se dar da mesma forma que a das organizações sociais, colaborando com a aprendizagem no sentido de conectar e facilitar a "Cidadania Ativa" da comunidade.

Conclusão

EDUCADOR COMUNITÁRIO E AS REDES

O educador comunitário ou facilitador contribui para a construção de uma sociedade melhor, mais orgânica e democrática, que podemos descrever como uma estrutura em rede, uma comunidade interligada. Este processo de construção colabora para que a comunidade assuma seu papel como agente de mudança na construção de um mundo melhor.

Propor uma estrutura em rede significa conectar os seus integrantes horizontalmente a todos os demais. É o "conjunto resultante", que se espalha indefinidamente para todos os lados. Trabalhar em rede pressupõe a não-

existência de um “chefe, mas, sim, de um grupo de pessoas ou de organizações que estão trabalhando com os mesmos valores e com uma vontade coletiva de realizar determinado objetivo.

Neste processo, o educador comunitário deverá fomentar as relações, criando condições para que os elementos locais como grupos, escolas, ONGs, empresas, pais, alunos e professores se articulem e desenvolvam adequadamente parcerias com objetivos educativos e valores comuns.

Pela visão orgânica da sociedade não podemos conceber uma comunidade na qual não exista nenhum relacionamento entre as partes que a compõe. O que devemos verificar é a forma como estas relações estão estabelecidas; se estão baseadas no poder, no paternalismo, hierarquizadas ou se estão baseadas em valores e objetivos comuns, na não-diretividade e na corresponsabilidade.

Trabalhar em rede é um novo jeito de se organizar, uma outra forma de responder às necessidades de transformação da comunidade. A rede é uma estratégia para mudar paradigmas, pois são espaços orgânicos, para experimentação e aprendizagem.

Não existe uma fórmula para criar uma rede. Só aprenderemos a fazer rede fazendo rede.

”Uma rede não se move porque uma voz de comando a mobilizou: ela se move quando todos e cada um de seus membros começam, por decisão própria, a se mover. Uma rede é como um corpo: todos os seus membros a fazem funcionar, todos são a rede, nas suas ligações uns com os outros”. (Chico Whitaker)

A função do educador comunitário neste processo é a de zelar pelo seu funcionamento democrático e horizontal, como um espaço aberto, sem dono, garantindo sua autonomia, mas, consciente que “faz parte” dela e não o seu “dono”. Suas atividades como facilitador podem ser desde constantemente mapear os potenciais educativos, buscar novos elos externos ao limite geográfico, mapear as competências, afinidades e a história comum, como também animar as relações, comunicar as ações realizadas, conectar grupos,

criar um ambiente amigável para que as informações circulem e sejam compartilhadas.

Por outro lado, o educador comunitário não terá modelos ou regras para seguir. Mas deve criar, organicamente, de forma coletiva e democrática, conexões que façam sentido e desenvolver os processos de decisão por consenso e de auto-organização. Assim, possibilitará que a sociedade civil possa participar ativamente do processo, construindo o caminho na busca de uma nova sociedade como “vetor social resultante”.

O desafio é complexo. Parte da pessoa, está na “mudança interior”, como diz Chico Whitaker, “implica na vivência da solidariedade e na transformação da relação com o nosso “próximo”, na mudança de nossas práticas de ação política - tornando-a realmente transformadora - e na mudança de hábitos e valores que orientam nossa vida cotidiana”.

*Zelito Sampaio é pedagogo, com Mestrado em Administração. Fez parte do Centro de Formação da Cidade Escola Aprendiz e participa atualmente dos grupos de trabalho do Fórum Social de São Paulo, da Articulação Brasileira contra a Corrupção e a Impunidade (ABRACCI) e da Associação Brasileira para Divulgação, Estudos e Pesquisas da Pedagogia Freinet (ABDEP). O presente artigo é uma síntese do trabalho apresentado pelo autor durante o Congresso Internacional de Pedagogia 2011, realizado em Cuba entre 24 e 28 de janeiro